A CRIAÇÃO, OBRA GRATUITA DE DEUS EM VISTA DO SÁBADO

Releitura de Gênesis 1–3

Loivo José Mallmann

Introdução

Nos últimos séculos a humanidade centrou o seu desenvolvimento na busca do progresso técnico-científico, no avanço e domínio sem limites do homem sobre a natureza. Assim, a partir da revolução industrial, a humanidade, marcada pela cultura do trabalho, alcançou índices de produtividade e acumulou riquezas nunca antes vistos. Mas o custo de todo este processo é a flagrante destruição do planeta, a perda da qualidade de vida e o comprometimento do futuro da humanidade. O trabalho produtivo, fonte de renda da maioria das pessoas, vai perdendo sua importância com a revolução tecnológica. Assim, milhões de brasileiros e brasileiras vivem o drama do desemprego e comprometem o futuro da sua família. Toda esta visão de progresso sem limites foi incentivada por uma leitura antropocêntrica da criação. O imperativo "enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar..." (Gn 1,27) justifica tal visão de senhorio e exploração que marca a relação do homem com toda a criação.

Hoje, não podemos mais compactuar com tal leitura antropocêntrica do relato da criação. Somos desafiados a reler o relato da criação numa nova perspectiva, que supere as contradições que decorrem de uma interpretação que coloca em risco o amanhã do nosso planeta e da própria humanidade.

Desta visão de domínio, de ênfase no processo de transformação da natureza, resulta que a vida humana está hoje centrada nos processos de produção, com destaque para a centralidade do trabalho na vida das pessoas. Este processo levado ao extremo nos torna reféns da economia. Toda a nossa vida é marcada pela lógica economicista e orientada pela "religião do mercado". O utilitarismo, o consumo, a eficiência, o lucro tornam-se conceitos-chave e balizadores do nosso dia-a-dia. Tudo é mensurável e transformado em mercadoria. O convívio social é marcado pela competição que rompe com a relação fraterna entre as pessoas. A centralidade do indivíduo e a exacerbação da competitividade colocam em descrédito a possibilidade de se buscar o bem comum. Neste mundo fragmentado e excludente uma só coisa é rigorosamente proibida: ser gratuito.

Tudo isto nos leva a perguntar: era este o projeto que Deus tinha ao criar a humanidade? Que dimensões da vida poderiam ser mais valorizadas hoje? Como superar uma visão economicista da pessoa e valorizar as dimensões da gratuidade e da convivência harmoniosa entre as pessoas e com toda a criação?

Propomo-nos neste artigo fazer uma releitura bíblico-teológica da grande transformação do mundo do trabalho, retomando o relato da criação nos primeiros capítulos

do Gênesis. E a partir desta leitura refletir sobre o trabalho, procurando compreender o significado, hoje, da assertiva de Gn 3,19. Para esta releitura da narrativa da criação duas chaves podem ser interessantes. A primeira: a centralidade do sábado. Isto é, fazer a releitura dos primeiros capítulos do Gênesis a partir da centralidade do sábado. Destacar qual é a importância do sábado e, conseqüentemente, do ano sabático e do jubileu, para uma leitura bíblico-teológica das novas realidades que estamos vivendo. Esta chave nos ajuda a entender o Reino de Deus, anúncio central de Jesus de Nazaré (Mc 1,15), como o sábado messiânico sem fim, o ano da graça do Senhor: "hoje se cumpriu..." (Lc 4,16-22). Uma outra chave de leitura, nesta mesma direção, destaca o fim último de toda a criação: a gratuidade. Trata-se de uma chave de leitura que está presente no livro de Jó e foi trabalhada por Gustavo Gutiérrez. Gratuidade total e radical que se manifesta nos destinatários primeiros do Reino de Deus, os pobres. Antes de desenvolver estas duas chaves, fazemos uma breve exegese do texto para depois fazer uma leitura teológica a partir de duas chaves de leitura. Terminamos apontando alguns desafios e perspectivas que se abrem a partir da interpretação proposta.

1. Exegese do texto

De forma breve vamos destacar alguns aspectos exegéticos dos primeiros três capítulos do livro do Gênesis.

a) A humanidade, ponto alto da criação (1,1–2,4a)

A narrativa da criação apresentada no início do livro do Gênesis não é um tratado científico, mas um poema que contempla o universo como criatura de Deus. Sua origem é atribuída à fonte sacerdotal e ele é mais abstrato e mais teológico que a segunda narrativa (Gn 2,4b-25).

O relato da origem do universo contida em Gn 1,1–2,4a nasce durante o exílio na Babilônia (586-538 aC) e procura dar uma classificação lógica e exaustiva dos seres criados. No contexto do exílio, os judeus corriam o risco de perder a própria identidade, cultura e religião e assimilar o ambiente estrangeiro com os seus deuses e crenças.

A origem do universo é estruturada no esquema da semana. A criação procede em clima ascendente: no 1º dia fez a luz (1,1-15); no 2º dia fez o céu (1,6-8); no 3º dia fez o mar, a terra e as plantas (1,11-13); no 4º dia fez os astros (1,14-19); no 5º dia criou os peixes e os pássaros; no 6º dia criou os animais terrestres e o homem. No 7º dia "Deus terminou todo o seu trabalho e Ele descansou de todo o seu trabalho" (2,2).

Esta narrativa destaca alguns aspectos como a existência de um único Deus vivo e criador; que o ponto mais alto da criação são o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus (1,27) e a humanidade é chamada a dominar e a transformar o universo; que o ritmo da vida é trabalho e descanso (2,1-2). É importante destacar que toda a criação é marcada pelo selo de Deus: "era bom... muito bom" (1,31).

b) A humanidade é o centro da criação (2,4a-25)

Esta segunda narrativa da criação é, cronologicamente, anterior à primeira. Ela foi elaborada no tempo do rei Salomão (971-931 aC), entre nômades que viviam no deserto, e é de tradição javista.

Esta narrativa começa a partir da terra seca ou deserto (2,4b-7). Por isso imagina, como início da criação, a chuva. O próprio homem nasce da terra e é formado por Deus para ser um colaborador de Deus na tarefa de fazer a terra produzir e alimentar a vida (2,7).

Os v. 8-17 narram a história do jardim do Éden, para onde confluem os maiores rios da terra conhecidos naquela época. Ao homem cabe cultivar e guardar o jardim fértil (2,15).

Os v. 18-25 destacam duas coisas: primeiro, o fato de o homem dar nome aos animais mostra a sua relação com o mundo criado: é ele que dá sentido e endereço a todos os seres da natureza. Um segundo aspecto que aparece é que a mulher é formada a partir do lado do homem e da mesma substância. Em outras palavras, o homem e a mulher foram feitos um para o outro, com a mesma dignidade.

c) A ambigüidade humana (3,1-24)

Depois do relato da criação segue o cap. 3 que procura explicar a origem do mal. O centro da questão é a pretensão de ser como Deus (3,5). A serpente é um resumo da pretensão que leva o homem à auto-suficiência, ocupando o lugar de Deus, para dominar e explorar os outros. O homem sonha possuir liberdade e vida plena. Na sua auto-suficiência, porém, ele produz escravidão e morte.

O pecado está no fato de o homem absolutizar o seu pequeno discernimento, como se fosse o discernimento absoluto. O pecado, portanto, é uma ruptura com o projeto de Deus. As relações de fraternidade transformam-se em relações de poder e opressão. Deste modo as relações ficam distorcidas e fragilizadas, tanto das pessoas entre si como das pessoas com a natureza. A humanidade terá que aprender a superar a auto-suficiência para sanar esta ruptura e chegar novamente à vida em plenitude. A divisão provocada pelo pecado atinge e mina também o trabalho que, de condição humana normal, de resposta ao chamado divino, passa a ser visto como um fardo penoso que temos que suportar (3,19). Assim o homem, de jardineiro e guardião do paraíso, é transformado em cidadão que deve cultivar a terra com duras fadigas.

2. Leitura teológica

As leituras do Gênesis 1 e 2 dão ênfase aos 6 primeiros dias da criação. Deus criador e homem criador, trabalhador. O sétimo dia, quando Deus terminou todo o seu trabalho e descansou, dia que foi abençoado e santificado, é menos lembrado.

A ênfase ao processo de criação e menosprezo pelo sábado reforça uma leitura antropocêntrica e cria uma relação de domínio e de poder da pessoa em relação a

toda a criação. Questionamos esta interpretação e propomos duas outras chaves de leitura do relato da criação.

a) Uma primeira chave de leitura está ligada à valorização do 7º dia da criação, o sábado, dia da paz e da reconciliação

Em vez de dar ênfase aos seis primeiros dias, queremos destacar o sábado da criação, dia da paz, da reconciliação, centro e fim para o qual toda a criação é orientada. Paz não no sentido da *pax latina* (derivada do *pactum)* por meio de uma segurança jurídica e política da existência. Mas a paz que vem da palavra *shalôm*[1], e que tem um sentido cósmico, de harmonia de toda a criação. A paz opõe-se às idéias contrárias de guerra, luta, conflito (Is 27,4s; Jr 9,7) ou injustiça (Is 59,7s), medo (Ez 7,25), temor (Jr 30,5) e tribulação (Zc 8,10). O sentido da palavra paz está interligado com vocábulos afins como justiça (Is 32,17; Sl 85,11), verdade (Zc 8,19) e vida (Ml 2,5).

Inscrita na criação, a paz permanece, contudo, o livre dom do Senhor do mundo e da história. Seu sentido central acha-se na idéia de Aliança. A paz aparece como conteúdo da aliança contraída entre Javé e seu povo. Os profetas anunciam a paz e condenam toda a forma de injustiça, obstáculo à sua realização. Para o profeta Jeremias (6,14) a paz significa todo um ideal de felicidade e prosperidade individual e coletiva, na boa relação para com Deus e na harmonia social. A paz também aparece como fruto do Reino messiânico de Deus.

A paz, reconciliação, significa a abertura salvífica do homem que se supera a si mesmo, para alcançar a Deus. Em Cristo, enviado como príncipe da paz, ocorre o estabelecimento de uma nova ordem no mundo reconciliado com Deus. A paz aparece na escatologia como o descanso definitivo da visão beatífica; na teologia moral, como a cooperação na vinda do Reino de Deus exigida pelo sermão da montanha (Mt 5,9); na mística, a paz é o "fruto do Espírito" (Gl 5,22). Enfim, a paz de Cristo pertence à era futura do mundo.

O tema da valorização do sábado como núcleo e fim de toda a criação é desenvolvido por vários teólogos. Destacamos aqui o livro *"Deus na criação – Doutrina ecológica da criação"*, do teólogo alemão Jürgen Moltmann[2]. Recorremos a ele para desenvolver nossa chave de leitura.

Segundo J. Moltmann, vivemos hoje uma situação determinada pela crise ecológica de toda a civilização técnico-científica e pelo esgotamento da natureza através da intervenção humana[3]. Esta crise pode desembocar numa catástrofe global.

1. Confira *Dicionário de Teologia*, vol. 4, sob a direção de Heinrich Fries, São Paulo: Ed. Loyola, 1970, p. 179-185.
2. Jürgen MOLTMANN. *Deus na criação – Doutrina ecológica da criação.* Petrópolis: Vozes, 1993.
3. J. MOLTMANN, *ibidem*, p. 42.

As teologias centralistas sempre deram ênfase à imagem de Deus criador, senhor e proprietário do mundo, e, de forma correspondente, o ser humano tinha que se esforçar para ser senhor e proprietário da terra[4].

Daí decorre uma relação de dominação do homem sobre a natureza. O trabalho transformador passa a ser uma categoria central na vida da pessoa. Por isso as pessoas identificam o sentido da sua vida com o trabalho, a criação; e o descanso, a festa e sua alegria em viver são desqualificados como sem serventia e sem sentido[5]. Moltmann propõe, na sua doutrina ecológica da criação, substituir a relação de dominação pela comunhão, pela busca da reconciliação e da paz.

A própria concepção antropocêntrica do mundo, segundo a qual céus e terra foram criados por causa da pessoa humana e na qual a pessoa é "a coroa da criação", não é bíblica. De acordo com as tradições bíblicas, judaicas e cristãs, Deus criou o mundo a partir do amor por causa da sua glória. E a "coroa" de sua criação não é a pessoa humana, mas o sábado da reconciliação e da paz. Isto não nega que a pessoa criada à imagem e semelhança de Deus tenha uma posição especial na criação, mas ela se encontra junto com todas as criaturas terrestres e celestes no usufruto do prazer sabático de Deus. A teologia cristã precisa libertar a fé criacionista desta cosmovisão antropocêntrica moderna para reencontrar a sabedoria que corresponde à criação na harmonia com a natureza[6].

Conforme as tradições bíblicas, a criação está orientada, desde o seu início, para o sábado, a "festa da criação". No sábado, prefiguração do mundo futuro, a criação chega à sua plenitude. A criação toda é voltada para a paz sabática. É, pois, o sábado que abençoa, santifica e revela o mundo como criação de Deus[7].

A palavra "sábado" está ligada ao verbo hebraico *"shabat"* que significa repousar, cessar de trabalhar. O sábado é encontrado no Código Eloísta da Aliança (Ex 23,12) e no Código Javista (Ex 34,21), nas duas redações do Decálogo (Ex 20,8-10) e no Código Sacerdotal (Ex 31,12-17).

O sábado, para os israelitas, tem um sentido fundamentalmente religioso. O sábado está intimamente ligado à Aliança que este povo tem com Deus. Em todos os textos há um sentido claro da necessidade de a cada seis dias de trabalho dedicar um para o repouso, para a festa, para a adoração e contemplação das obras que Deus realiza em favor de Israel seu povo.

Israel festeja o sábado no tempo da sua história. O sábado não só interrompe o tempo de trabalho e o tempo da vida, mas aponta para o ano sabático (cf. Lv 25,1-28), no qual deveriam ser restabelecidas as relações originais entre as pessoas e entre a

4. *Ibidem*, p.18.

5. *Ibidem*, p. 395.

6. *Ibidem*, p. 56.

7. *Ibidem*, p. 23.

pessoa humana e a natureza de acordo com a justiça da aliança do Deus de Israel. O sábado marca o encontro da pessoa consigo mesma e com o criador. É o dia da comunhão e da fraternidade universal.

O sábado não é apenas a reposição das forças para poder trabalhar mais. É a alegria de usufruir, gozar o fruto do trabalho-criação. O trabalho deixa de ser um castigo (Gn 3,19) e é resgatado como uma tarefa alegre de Deus ao criar o mundo, que sente prazer trabalhando (cf. Pr 8,23-31), e da situação paradisíaca do homem e da mulher no Éden, onde o trabalho era prazer. O trabalho, neste contexto bíblico, é aliviado em função da satisfação que causa e do prazer que virá no sétimo dia[8].

Israel deu aos povos dois arquétipos de libertação: o êxodo e o sábado. O êxodo da servidão para a terra da liberdade é o eficaz símbolo da liberdade externa. O sábado é o símbolo repousante da liberdade interna. O êxodo é a experiência fundamental do Deus que age. O sábado é a experiência fundamental do Deus que existe. O êxodo e o sábado estão, pois, indissoluvelmente interligados[9].

O próprio Jesus, mensageiro da paz, inicia a sua atividade pública com a proclamação do sábado messiânico (cf. Lc 4,16-22). O anúncio de Jesus do Reino de Deus coloca em prática o sábado messiânico. Ele não aboliu o sábado em prol de boas obras e bons dias de trabalho. Jesus libertou seus discípulos do espírito legalista que transformou a alegria do sábado em um constrangimento. Sob o anúncio de Jesus da proximidade do reino, toda vida se transforma numa festa de sábado[10].

A ressurreição de Cristo, o "dia do Senhor", não somente antecipa o descanso sabático do final dos tempos como também o início da "nova criação". Se o sábado de Israel permite participar do descanso de Deus, a festa cristã da ressurreição permite participar da força da recriação do mundo.

A presença do ressuscitado vai dissipando o medo dos discípulos de Emaús e transforma sua tristeza em alegria e paz. O ressuscitado reúne os discípulos dispersos e desanimados e os envia em missão (cf. Mc 16,15-18).

b) Segunda chave de leitura: a gratuidade da criação

O trabalho, visto no relato do Gn 3,19 – "você comerá seu pão com o suor do seu rosto" – aparece como um fardo que temos que suportar. A nossa sociedade, centrada na visão econômica, destaca a função produtiva do trabalho. Esta centralidade do trabalho na produção e geração de bens reforça uma visão utilitarista do mesmo.

8. *A fraternidade e os desempregados: "Sem trabalho... Por quê?", Texto-base da CF-1999 da CNBB*, São Paulo: Editora Dom Bosco, 1998, p. 78.

9. *Ibidem*, p. 408.

10. *Ibidem*, p. 414.

Contudo, acompanhamos neste final de século um grande processo de inovação tecnológica, capitaneado pela informática e telemática. Isto possibilita o aumento da produtividade com o uso mais reduzido da mão-de-obra humana. Assim, há uma desvalorização do trabalho, visto como emprego. O aumento do desemprego que verificamos nos diferentes continentes revela que, para produzir o suficiente para manter a vida do planeta, não é necessário que todos trabalhem.

Esta nova visão do trabalho gera um conflito na medida em que o emprego é a principal fonte de rendimento da maioria das pessoas. Diminuindo o emprego, põe em risco a sua sobrevivência, uma vez que não possuem outra fonte de subsistência.

Diante desta nova configuração do trabalho no mundo surgem propostas que propõem uma fonte de rendimento independente do emprego. É o que alguns chamam de "renda de subsistência", como garantia básica que a pessoa tem de sobreviver, usufruindo e participando do aumento da produtividade, fruto do conhecimento que a humanidade acumulou por vários séculos.

Estas propostas, contudo, não são respaldadas por grupos que defendem uma visão econômica retributiva. Segundo esta visão, só quem tem trabalho ou emprego tem direito de receber uma compensação financeira. Não só quem trabalha tem direitos. Há pensadores que defendem a idéia de que há direitos mínimos desconectados do trabalho. Isto é, não só quem trabalha tem direitos, mas também os que não trabalham têm direito a uma renda mínima. A idéia de um rendimento de base independente do trabalho surge na França no século XVIII. Os partidários do rendimento básico para todos consideram que a capacidade produtiva de uma sociedade é o resultado de todo o saber científico e técnico acumulado pelas gerações passadas. Assim, os frutos desse patrimônio comum devem beneficiar o conjunto dos indivíduos, independente de estar ou não empregado[11].

Para romper com esta visão utilitarista do trabalho e da própria criação, propomos aqui uma segunda chave de leitura a partir do livro de Jó, mais propriamente do cap. 38. Vamos aprofundar a experiência de Jó com o auxílio do livro *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente*, do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez[12].

Empobrecido, doente, marginalizado, incompreendido pelos amigos, Jó se encontra à beira do desespero. Seus amigos o consideram um pecador e portanto merecedor dos tormentos que recaem sobre ele. Jó não se conforma com esta situação, pois se considera um justo e pede uma explicação a Deus. Depois de muita insistência, Jó consegue enfim uma audiência com Deus.

Mas, em vez de respostas, Deus faz outras perguntas a Jó. De modo provocante, Deus pergunta a Jó onde ele estava quando o mundo foi criado. Por trás dessas questões, há uma pergunta latente: se o homem não é capaz de compreender as leis

11. Confira *CEPAT Informa*, n. 39/1998.

12. Gustavo GUTIÉRREZ. *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente – Una reflexión sobre el libro de Job*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1986, p.128-149.

da criação, como pode atrever-se a questionar o criador? Os v. 26-27 chamam a atenção para o amor de Deus: ele cuida da natureza, mesmo em lugares desabitados, e assim revela que Deus tudo cria gratuitamente, por amor.

Jó e seus amigos acreditavam que o mundo havia sido criado em base da utilidade imediata e da retribuição que premia o justo e castiga o pecador. A chave para entender o universo não é a doutrina da retribuição, que gera uma relação interessada e chata para com Deus, com os outros e com a criação[13].

A razão para criar o universo é a iniciativa livre e gratuita do amor de Deus. Só esse motivo pode conduzir a uma comunhão de duas liberdades. O motor da criação é pois a gratuidade do amor a Deus e não a retribuição, como acreditavam Jó e seus amigos.

A justiça de Deus era o tema do debate de Jó e de seus amigos. A doutrina da retribuição expressa essa justiça, pela qual Deus dá a cada um conforme seus merecimentos. Nesta ótica, os sofrimentos de Jó são frutos de sua culpabilidade. Por isso só lhe resta se arrepender e pedir o perdão dos seus pecados. Jó se declara pecador, mas inocente em relação aos seus padecimentos. Isto implica em culpar Deus por esta situação. Isto é uma blasfêmia para seus amigos teólogos e uma situação sem saída para ele, que o leva a discutir com Deus.

Os discursos de Deus são um vigoroso rechaço de uma concepção puramente antropocêntrica da criação. Nem tudo o que existe foi feito para a utilidade imediata do ser humano. O mundo da natureza expressa a liberdade criadora e a alegria de Deus[14]. O discurso de Deus expressa o regozijo com a sua obra. Javé convida Jó a cantar com ele as maravilhas de sua obra. Mas sem esquecer que a fonte de tudo está no amor livre e gratuito de Deus.

Os critérios da gratuidade e da solidariedade aparecem no relato dos desempregados que estavam na praça à espera de quem os contratasse (cf. Mt 20,1-16). O empregador contrata, combina o preço justo do trabalho com cada grupo, mas paga a todos o necessário para a vida. O critério que vale não é qualificação monetária, financista do trabalho e do operário, mas a necessidade básica da pessoa. Aqui fica claro que o ser humano não é só capacidade ou incapacidade de produzir e consumir, mas sujeito de relações, livre e capaz de ser gratuito.

Concluindo

O modelo de desenvolvimento centrado no progresso sem limites e no consumo desenfreado põe em risco o futuro do planeta. As relações das pessoas entre si e destas com a natureza são marcadas pela visão utilitarista, pelo economicismo e pelo domínio autoritário e predador da pessoa sobre toda a criação. O paradigma antropocêntrico da criação, que justifica esta visão utilitarista da obra de Deus, é hoje questionado e nos provoca a buscar outros elementos que possam tornar o convívio humano mais de acordo com o plano do criador.

13. *Ibidem*, p. 134.

14. *Ibidem*, p. 138.

A partir da releitura do início do livro do Gênesis, pondo ênfase na centralidade do sábado da criação, da busca da paz, da reconciliação e da total gratuidade da ação criadora de Deus, colocamos alguns desafios.

Uma primeira questão é buscar a desconstrução ideológica da visão utilitarista e produtivista do trabalho e a valorização de outras formas de trabalho. É necessário superar a visão economicista da pessoa humana e do mundo. Nesta visão, o trabalho é a principal categoria estruturadora da vida da pessoa. A crise do emprego está favorecendo a valorização do trabalho social, que contribui para construir uma sociedade mais humana, contrabalançando o excesso colocado no trabalho produtivo. As sociedades mais avançadas gratificam de algum modo este novo tipo de ocupação das pessoas. Dentre estas ocupações se destacam o trabalho familiar, como o das mães de família, o trabalho social, como cuidar de doentes, idosos, prisioneiros e outros sofredores, e o trabalho ecológico, como a preservação da natureza e do meio ambiente[15].

O convívio das pessoas entre si e com a natureza é marcado pela relação de dominação. Consideramo-nos os senhores do universo e por isso nos sentimos no direito de usufruir dos bens criados sem nenhum limite. Diante da destruição e morte que decorrem da aplicação desse princípio, somos desafiados a buscar construir o convívio social a partir do princípio da comunhão. Este é o segundo desafio. Recuperar o sentido do sábado, da reconciliação e da paz, como fim e objetivo de toda a criação. Este processo de reconciliação exige uma mudança, uma conversão radical nos relacionamentos e afeta homens e mulheres e toda a criação.

Um terceiro desafio está ligado com a ruptura nas relações provocada pelo sistema econômico neoliberal. O individualismo ético e o economicismo fazem com que as relações entre as pessoas sejam substituídas pela relação com as coisas. Tudo se torna mercadoria que se compra e vende e as relações gratuitas são proibidas. A partir da gratuidade do ato da criação, somos chamados a recuperar os gestos e ações de gratuidade no relacionamento com as pessoas e com toda a criação. Para isso precisamos superar a visão utilitarista que tanto nos condiciona e nos impede de criar laços de solidariedade. Fomos criados para a comunhão, para a reconciliação e a paz.

Enfim, o limiar do novo milênio dá mostras de que o atual paradigma de desenvolvimento da humanidade, centrado no utilitarismo, no economicismo e nas relações de domínio, dá mostras de esgotamento. Isto abre perspectivas para a humanidade centrar o convívio social sobre outros princípios, como a gratuidade, a paz e a reconciliação. As necessidades do mundo, as pessoas clamam por mais misericórdia, ternura, compaixão, paz e cuidado com a vida.

Loivo José Mallmann
Rua João Batista Gabardo, 151
Sítio Cercado
81900-310 Curitiba – PR

15. *A fraternidade e os desempregados... op. cit.*, p. 104-105.